SEFIC2017 UNILASALLE
A PESQUISA E O RESPEITO À DIVERSIDADE
16 A 20 DE OUTUBRO DE 2017
ISSN 1983-6783

ENTRE O MURAL "TODOS SOMOS UM" E A DIVERSIDADE NA TRADIÇÃO LASSALISTA

Carina Nunes Falcão, Maria Luiza Berwanger (orientador), Lucas Graeff (co-orientador)
Universidade La Salle

Resumo

Buscando unir vertentes do campo do social, da linguagem, e da cultura, este projeto visa traçar uma relação entre o mural "Todos Somos Um" e a tradição Lassalista com o objetivo de fazer com que conceitos de diversidade, respeito, amor e solidariedade dialoguem entre si para que possamos representar esse diálogo em um trabalho de artes gráficas para com isso reforçar uma identidade coletiva mais abrangente, respeitosa e solidária.

Palavras-chave: *memória, identidade, tradição*.

Área Temática: Linguagens, Linguística e Artes

1. Introdução - Propósito central do trabalho

Nós somos, em essência, seres tão sociais que sequer percebemos isso, é algo natural; o social está em nós e nós estamos no social. "Estamos tão bem afinados com aqueles que nos cercam que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros." (Halbwachs, 1990, p.47). Essa frase nos foi dita pelo sociólogo francês Maurice Halbwachs para nos fazer compreender o quanto nos apoiamos sobre as memórias dos outros para que possamos formar as nossas próprias e o quanto o contrário também é reciproco, a ponto de formarmos redes de relações que são a base para nossas rememorações.

Para que essas redes funcionem, no entanto, é preciso que haja comunicação, diálogo, linguagem. Referente à força da linguagem, Candau, no seu livro Memória e Identidade, fala sobre o processo de uma pesquisa sua com perfumistas e afirma que a identidade coletiva daquele grupo, seus traços característicos e o que os solidifica enquanto grupo é justamente o que se "tece entre a boca e a orelha" (Candau, 2016, p.48), ou seja, o discurso que é expresso através da fala, que se materializa, muitas vezes, através da escrita é objeto fundamental na construção de memória e identidade social.

Essa força de mobilização social amplia e mantém a cultura - traz diversidade, fácil de ser encontrada e percebida nos povos: as raças são diversas; há milhares de entrecruzamentos entre elas; o ser humano é um ser multicolor e multicultural. As nações estão cada vez maiores e as etnias são ainda mais numerosas, ressaltando nossas diferenças, nossas culturas, nossas dessemelhanças. Morin nos diz que "as culturas são essencialmente diferentes umas das outras em função de concepções de mundo, mitos, ritos […]" (Morin, 2011, p. 56), no entanto, há uma unidade primeira, essencial a todos nós, que deve ser lembrada e reforçada.

É nesse panorama que, dentro do campo de memória social, pretendemos unir eixos que se complementam e dão amplitude para uma maior compreensão desse todo que seria a nossa própria sociedade. Dito isso, teríamos como objeto de trabalho: o Social, a Linguagem e o Comum – e, para conseguirmos achar o ponto de união entre eles, iremos recorrer aos

ISSN 1983-6783

sociólogos Edgar Morin, Jöel Candau, Maurice Halbwachs para dar sustentação às nossas ideias.

Além disso, precisamos de objetos de estudo que propiciem essa união de eixos que estamos propondo. Para tal, teremos dois objetos: o mural grafitado para as Olimpíadas no Rio de Janeiro em 2016 e a tradição Lassalista.

O mural chamado "Todos Somos Um" foi encomendado para as olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro, como mencionado acima, e o objetivo do trabalho era remeter ao espírito olímpico de cooperação. Sendo assim, Eduardo Kobra, autor da obra, inspirado na ideia de representar os cinco aros olímpicos que representam os cinco continentes, representou cinco povos originários de cada um dos continentes. O mural, portanto, reflete diferentes povos, bem demarcados, num mural cujo nome reflete união, visando, assim, simbolizar a união e a paz entre esses diferentes grupos ali representados.

A tradição Lassalista, por sua vez, acredita que devemos olhar a realidade com a perspectiva do Evangelho, com valores como justiça, confiança, fraternidade, amor e solidariedade em lugar central. Considerando a sociedade atual - conturbada, conflitiva e cheia de tensões -, os Lassalistas são chamados a testemunhar que a fraternidade é possível entre as pessoas e os povos e que as diferenças podem ser fatores de enriquecimentos entre eles.

Conforme podemos perceber ao longo da introdução, temos um mural que retrata a diversidade e temos a tradição Lassalista, que nos diz que a nossa missão é de testemunhar que a convivência é possível e que as diferenças podem ser fatores de enriquecimentos mútuo. Com o intuito de conectar mural e tradição, questionamo-nos: como dialogam os conceitos de diversidade, respeito, amor e solidariedade? Como representar esse diálogo em um trabalho de artes gráficas?

É, portanto, através da união desses dois objetos que pretendemos suscitar reflexões a respeito de uma sociedade com mais respeito, amor, solidariedade e fraternidade - mas como se dá essa união? No caso deste projeto de mestrado profissional, propomos a efetivação de uma produção artística reunindo as ideias/recursos de cada uma dessas obras. Temos como objetivo geral, portanto, organizar um seminário com artistas da Grande Porto Alegre pautado pela discussão das produções bibliográficas Lassalistas e pelas análises do mural "Todos somos um".

2. Marco Teórico

2.1 Muralismo: arte e memória

Há muito tempo, os homens procuram registrar seus hábitos e costumes sociais que, posteriormente, nos permitem analisar e construir a memória de uma civilização. Grande parte desse registro tem se dado através das inscrições parietais - forma de comunicação presente desde as mais remotas civilizações. Precisamos considerar, portanto, que essa forma de expressão está enraizada na nossa cultura e representa marcas deixadas pelos homens, marcas que representam a vida em sociedade de cada época. Essas inscrições, com o tempo, vão tomando novos significados e formatos, de acordo com o contexto em que estão inseridas, até que, dentro dessa evolução, surge o que hoje chamamos de muralismo.

O muralismo, portanto, representa um discurso diretamente atrelado ao contexto socio-histórico no qual está inserido, portanto é capaz de influenciar na construção de uma identidade social. Ou seja, as ideologias nele presentes produzem efeitos de sentido a partir do contexto político-social em que ele está inscrito, afetando o imaginário pessoal e social. É por isso que o muralismo ganha espaço dentro dos estudos de Memória Social, pois tem nos provado sua importância através da manutenção e e reforço de uma memória coletiva.

ISSN 1983-6783

Ao considerarmos o muralismo quanto a sua origem, não podemos deixar de dizer que ele é um tipo de grafitagem que hoje tomou proporções sociais, econômicas e artísticas gigantescas, mas em sua origem é um grafite. O termo grafite, por sua vez, vem do italiano graffiti, que se refere a desenhos ou inscrições de épocas antigas, rabiscados a carvão ou entalhados em pedra, com objeto pontiagudo. No entanto, ao irmos um pouco além, vamos lembrar também que já havia o termo graphitum no latim, que era relacionado ao ato da escrita. Isso quer dizer que o ato de grafitar está, desde a origem etimológica da palavra, relacionado ao ato de riscar, deixar escrito. É por esse viés que seguimos no presente projeto, compreendendo o ato de grafitar justamente como esse ato de deixar escritos, deixar marcas que vêm permeando a história das civilizações desde as mais antigas pinturas rupestres até o que temos hoje por grafite contemporâneo.

Ao percebermos essa permanência através das épocas e essa importância histórico-social das inscrições é que nos lançamos a observá-las e analisá-las. Nesse processo, pareceu-nos claro que, com o tempo, as inscrições vão tomando novos significados e formatos, de acordo com o contexto sócio-histórico em que estão inseridas e é assim que o grafite se ressignificou ao longo das décadas até que fosse capaz de se afirmar no formato de mural que temos atualmente. Trata-se de afirmar a presença humana através de pinturas e marcas parietais - os muros de hoje são as cavernas de outrora - e é dessa evolução que surge o muralismo, objeto de trabalho neste projeto.

Avaliando toda essa evolução das inscrições parietais, podemos considerar, portanto, o muralismo como arte contemporânea que vem evoluindo desde as inscrições mais antigas sempre deixando marcas da nossa história para nosso próprio reconhecimento e reforço memorial, bem como, para deixar marcos nas gerações vindouras. Candau - antropólogo que vem estudando as relações entre memória e identidade - valida essa ideia ao dizer que

desde as origens, ela [a memória] traduz a vontade de produzir traços como o objetivo de compartilhar sinais transmitidos. De fato as gravuras pré-históricas são provavelmente a primeira expressão de uma preocupação propriamente humana: inscrever, deixar traços […] fazer memória. (Candau, 2016, p. 107)

Com os estudos sobre memória de Candau, podemos unir muralismo e memória, de forma a atrelar às manifestações o conceito de vestígios memoriais. Dizendo de outra forma, podemos considerar que os murais são rastros, são a manifestação presente de algo ausente. Essas manifestações, portanto, vão me possibilitar reconstituir fragmentos de memória, vão permitir que elementos memoriais emerjam através das imagens ali presentes.

2.2 O mural simbolizando o respeito à diversidade

Visto esse grandioso valor das obras grafitadas, decidimos escolher um objeto para estudo dentro desse campo, para que pudéssemos dar sequência a essa pesquisa. Dentro desse contexto, escolhemos a obra de um dos muralistas mais reconhecidos em nosso país: Eduardo Kobra. No ano de 2016, Kobra fez um mural chamado "Todos Somos Um", obra encomendado para as olimpíadas na cidade do Rio de Janeiro. O conceito do trabalho visa remeter ao espírito olímpico, simbolizado pelos aros que representam os cinco continentes. No mural, Eduardo Kobra pinta os rostos de cinco nativos escolhidos entre os povos originários de cada um dos continentes. No centro, está um índio Tapajó, que representa as Américas. Para a Oceania, há uma pessoa da tribo Hulis, de Papua Nova Guiné. O rosto asiático retrata os Karens, grupo étnico da Tailândia. Na Europa, os Chukchis, povo nômade originário da Sibéria. E, por fim, uma pessoa do povo Mursi representa a África. Esse mural, portanto, reflete diferentes identidades, ao refletir diferentes etnias ao longo de uma parede de quase 3 mil metros quadrados, situada no Boulevard Olímpico, na altura do Armazém 3, com o objetivo de

ISSN 1983-6783

simbolizar a união e a paz entre esses diferentes grupos ali representados.

Ao nos depararmos com o mural e suas diferentes etnias amplamente demarcadas num ponto de grande acesso urbano, voltamos a nos debruçar sobre as pesquisas de Candau, pois, em seu livro Memória e Identidade, o antropólogo afirma que, ao tratarmos de uma identidade étnica, esta só pode ser perdida nos casos em que grupos de indivíduos completam o esquecimento das origens e, por conseguinte, são totalmente assimilados pela cultura e identidade local. Olhando por esse viés, poderíamos cogitar a hipótese de que o mural tem como papel reforçar a memória étnica, na tentativa de restabelecer laços que estão se perdendo, ou que talvez já tenham se perdido.

Ao encontro do que foi dito acima, podemos perceber, então, que, no projeto de construção do mural, Kobra traça um paralelo entre a obra em si e o nome dado a ela - a obra retrata diferentes etnias, o nome retrata a união entre elas - ou seja, o artista marca, através da relação entre obra e título da obra, o valor de unidade étnica e de união entre etnias. É justamente neste ponto, em que a diversidade caminha de mãos dadas com a unidade, que o nosso projeto vai ganhando corpo, pois acreditamos que seja preciso desprendermos mais tempo às reflexões sobre os processos de formação de uma sociedade mais justa, unida, solidária e fraterna.

Somos conscientes que a humanidade se subdivide em comunidades e grupos que possuem características culturais em comum. Essas características, por sua vez, são difundidas entre as comunidades que as adotam, fazendo assim com que o homem sinta-se parte integrante daquele grupo. O que acreditamos é que, acima desses pequenos grupos, haja um grande grupo: um grupo humanitário que engloba vários outros grupos menores. Assim, precisamos achar um ponto de convergência entre a valorização de nosso grupo humanitário e a valorização desses grupos menores a que pertencemos, à medida que consigamos conservar nossas identidades de grupos sem que seja preciso perder nossa identidade una, que seria base para que pudéssemos amar e respeitar uns aos outros, dentro das diversas culturas e etnias existentes.

Infelizmente, o que parece vir acontecendo atualmente na nossa sociedade é que há uma supervalorização das identidades desses grupos menores, ao ponto que chegamos a uma não identificação enquanto raça humana - essa falta de identificação leva ao não fortalecimento das atividades do povo num sentido mais amplo; leva à falta de orgulho, de noção de pertencimento e faz com que o homem não defenda seu espaço, pois não se sente como parte integrante dele. Novamente recorrendo a Candau, compreendermos que a “identidade está definida mais por coordenadas temporais do que espaciais.” (Candau, 2016, p.60). Ao levarmos esse fato em consideração, podemos dizer que com o tempo é que houve o distanciamento dos homens e do senso de pertencimento de unidade enquanto raça humana. Segundo o autor, ainda, a memória afeta uma grande categoria que ele chama de “o Tempo e o Eu”, na qual acontecimentos do passado constituem parte de quem os rememora, os reativa, os reordena. Assim, cada indivíduo vai se reordenando juntamente com suas memórias, de tal modo que o homem se reinventa de tempos em tempos - "o conjunto de personalidade de um indivíduo emerge da memória” afirma Candau (Candau, 2016, p.61). Desse modo, caso o mural consiga, de fato, fazer esse papel de manifestação memorial, capaz de ativar esses atos de rememorar, reativar e reordenar, talvez sejamos capazes de chegar ao ponto em que seria possível restabelecer uma identidade una que promovesse respeito e fraternidade entre as etnias novamente.

2.3 O mural enquanto reforço de um sentimento de união e fraternidade

Colaborando com as ideias expressas acima, ainda decidimos recorrer às pesquisas do sociólogo francês Maurice Halbwachs, que trabalha amplamente com o conceito de memória

ISSN 1983-6783

coletiva, que vai ao encontro da nossa necessidade de categorizar o mural como objeto capaz de reativar essa memória. Halbwachs nos traz o conceito de semente de rememoração. Para ele, é preciso que o indivíduo traga consigo essa semente de rememoração para que todo um conjunto de testemunhos exteriores se transforme numa massa consistente a ponto de que possamos chamar de lembranças. Essa semente de rememoração pode permanecer como um dado abstrato, ou caracterizar-se em imagem, ou, finalmente, tornar-se uma lembrança viva. Pensando neste ponto da pesquisa de Halbwachs, podemos dizer que o mural pode servir como essa semente de rememoração à medida que ele revive uma lembrança através da diversidade de etnias nele presente. No entanto, o mural só poderá servir de fato como semente de rememoração, caso tenhamos presente um grupo de referência.

Por sua vez, esse grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo faz parte e com o qual se identifica e estabelece uma comunidade de pensamentos. O grupo está presente para o indivíduo não necessariamente pela sua presença física, mas pela possibilidade que o indivíduo tem de retomar os modelos de pensamento próprios do grupo. Sendo assim, podemos dizer que, somente se formos capazes manter a vitalidade das relações sociais do grupo, o sujeito conseguirá dar vitalidade às imagens que constituem as lembranças.

Ao tomarmos como base as pesquisas de Halbwachs, então, relacionadas com o mural Todos Somos Um, poderíamos dizer que as imagens presentes no mural só podem servir como semente de rememoração, caso os grupos presentes na sociedade consigam estabelecer vínculos relacionados com a imagem. Dito de outra forma, se o sujeito não estabelecer laços entre o mural e o seu grupo de referência, esse mesmo mural não trará lembrança alguma para ele. E nesse ponto, ainda podemos traçar uma relação entre os estudos de Halbwachs, mencionados acima, com os estudos de Candau, mencionados na sessão anterior, que afirmam que uma identidade étnica só pode ser perdida quando os indivíduos completaram o ciclo de esquecimento das origens, ou seja, esse esquecimento presente em Candau pode ser visto como a falta de vínculos com a comunidade afetiva presente em Halbwachs.

Por fim, tendo todo esse panorama em vista, percebemos que a lembrança é sempre um processo coletivo, para Halbwachs, na medida em que necessita de uma comunidade afetiva, forjada no contato com as pessoas, característico das relações nos grupos de referência. Já para Candau, apesar de o autor não se voltar exclusivamente para o coletivo, este ainda assim é parte integrante essencial para a construção e manutenção memorial e é justamente ele que permite atualizar, manter ou reforçar uma identificação com a mentalidade do grupo para ambos os autores - a medida que eu posso lembrar e agir como membro do grupo, eu serei capaz de fortalecer, retomar e fazer a manutenção de laços pré-existentes.

Ao unirmos todas as questões de formação e manutenção de memória propostas por Candau e todas as formações sociais envolvidas no processo propostas por Halbwachs, fomos sempre demonstrando que o nosso interesse era mostrar o quanto o mural poderia servir como um gatilho para lembranças, o quanto ele talvez sirva como semente de rememoração, a ponto de fazer com que os grupos se percebam como parte daquele grande grupo étnico presente no desenho. O que pretendemos com isso é achar um ponto de convergência entre o conceito de união entre as etnias, representado no mural e o conceito da tradição Lassalista. Com isso pretendemos levar a tona reflexões sobre união, respeito e solidariedade à comunidade Lassalista para que possamos reforçar uma lembrança e um sentimento de respeito à diversidade

2.4 A visão humanista na tradição Lassalistas

João batista de La Salle nasceu no dia 30 de abril de 1651, em Reims, na França. Filho de família nobre e profundamente cristã, ele recebeu a fé cristã pelo testemunho dos pais. Foi

ISSN 1983-6783

o mais velho entre quatro irmãos, que, por sua provável influência, também seguiram a vida religiosa.

João Batista de La Salle estudou na Sorbonne e ingressou no seminário, mas teve que interromper seus planos para cuidar dos irmãos, devido ao falecimento dos pais. Quando viu que seus irmãos estavam prontos para assumirem suas vidas e caminharem com as próprias pernas, João Batista pôde, então, realizar seu sonho: ser ordenado padre. Enquanto padre, João Batista de La Salle fundou uma escola destinada à formação de professores leigos, para tentar sanar a falta de formação que via na sociedade. Paralelamente, ele retomou o estudo da teologia visando atingir o doutorado e somente depois disso é que veio a fundar a Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs, cujo objetivo é a formação humana e espiritual de crianças e adolescentes pobres.

Em pouco tempo, a Congregação dos Irmãos das Escolas Cristãs havia se espalhado por várias casas e tinha vários alunos que aprendiam pedagogia, gramática, leitura, matemática, física, catecismo da Igreja Católica e música litúrgica. São João Batista de La Salle teve a felicidade de ver sua obra crescer como ele jamais sonhara. Ele a viu com mais de setecentos irmãos distribuídos entre cento e quatorze casas e atendendo a mais de trinta mil alunos, todos oriundos de classes pobres. Mais tarde, sua congregação se espalhou pelo mundo e chegou ao Brasil em 1907. Hoje, o documento da Proposta educativa lassalista apresenta uma concepção de educação nos seguintes termos:

Concebemos a Educação como direito fundamental da pessoa humana, um itinerário intencionado e sistemático de humanização, aprendizagem e crescimento permanente, que dá unidade e sentido à vida. Nesse processo, os educandos Lassalistas são convidados a serem protagonistas do próprio desenvolvimento, aprendendo a ser, conhecer, conviver, fazer, colaborar e inovar (Província La Salle Brasil-Chile, 2014, p. 21).

Percebemos aqui, a ideia de educação enquanto um processo amplo e contínuo de humanização. A concepção Lassalista de educação é composta por valores da tradição humanista-cristã, conforme vemos ao longo do documento. A Proposta educativa Lassalista retrata o ser humano como criatura de Deus e, ao mesmo tempo, como pessoa humana individual. Para compreendermos esse conceito de pessoa humana, recorremos a Cledes Antonio Casagrande, que nos diz que

O conceito de pessoa humana denota um status diferencial e sistemático do humano. Isso implica dizer que cada ser humano, independente de suas crenças e da sua cultura, possui um status e uma natureza que transcende as condições objetivas que o circunscrevem enquanto cultura, raça, credos e valores (Casagrande, 2013, p. 259, apud Casagrande, Fanfa Sarmento e Bieluczyk, 2015, p. 55).

A pedagogia Lassalista, portanto, centrada na pessoa humana, nada mais é que uma pedagogia que compreende o humano em suas múltiplas dimensões: física, psíquica, espiritual - dotado de "afeto, inteligência, vontade, capacidade para aprender, amar, interagir, transcender a si mesmo e criar sentido acerca dos próprios atos e da própria existência." (Casagrande, Fanfa Sarmento e Bieluczyk, 2015, p. 55). Além disso, cabe lembrar que a pessoa humana, nesse contexto estrutura-se mediante processos de socialização e de interação com o outro, mas também desenvolvendo sua autonomia individual. Compreendemos esse humano, então, como um ser ciente de sua responsabilidade social, um ser que compreende a nossa unidade enquanto raça e, portanto, é capaz de ter atitudes mais inclusivas e mobiliza a formação de uma sociedade mais justa e respeitosa.

Ao encontro dessa compreensão de pessoa humana, trazida pela visão Lassalista, Morin fala que “o outro significa ao mesmo tempo o semelhante e o dessemelhante; semelhante pelos traços humanos ou culturais comuns; dessemelhante pela singularidade individual ou pelas diferenças étnicas." (Morin, 2011, p.77). Ou seja, é no outro que eu percebo

ISSN 1983-6783

tanto a estranheza quanto a similitude e é justamente nesse ponto de entrelaçamento que seremos capazes de compreender que os outros moram em nós e nós moramos nos outros, para que assim possamos restabelecer laços para uma sociedade mais justa e solidária.

2.5 Tradição Lassalista e a valorização da diversidade

Visto todo o panorama descrito acima, é importante sabermos que os centros educativos Lassalistas se configuram em comunidades que são participativas e acolhedoras. A noção de fraternidade está presente na essência dos Lassalistas desde que João Batista organizou uma comunidade formativa que lhes garantia apoio, cooperação e partilha. Os primeiros irmãos compartilhavam suas vidas enquanto estudavam e lutavam por uma pedagogia mais acolhedora - foi assim que se envolveram em projetos educativos que buscavam transformar vidas.

Esses projetos educativos estão, desde o princípio, sempre engajados com a concepção de ser humano e sociedade, partindo do princípio de que o ser humano não é um ser autossustentável; ele precisa da sociedade, precisa do convívio social para que sua existência seja plena. Sendo assim, o diálogo é um dos elementos fundamentais para esse processo de humanização presente na tradição Lassalista.

Optamos por um currículo com núcleo humanista, desde uma perspectiva crítica, social, interativa, cognitiva, transformadora e evangélica; um currículo aberto ao nosso tempo, à nossa cultura e às manifestações artísticas, científicas e tecnológicas atuais; um currículo que possibilite experiências formativas diversas e que potencialize a compreensão, a apropriação e o uso de múltiplas linguagens, signos e significados (Província La Salle Brasil-Chile, 2014, p. 26).

Essa pluralidade presente na tradição Lassalista busca conectar o ser humano e suas diversas culturas e práticas dentro de uma sociedade. É através da educação plural que os Lassalistas acreditam colaborar para uma sociedade mais respeitosa e, por consequência, unida, pois nós passaríamos a entender que é na multiplicidade que somos formados e é isso que nos torna seres humanos, todos pertencentes à mesma espécie, ao mesmo grupo.

Na mesma linha de pensamento traçada pelos Lassalistas, o sociólogo Edgar Morin afirma que nossa unidade primeira seria a genética, ao dizer que:

> O mesmo patrimônio hereditária de espécie é comum a todos os seres humanos e garante todos os caracteres de unidade (anatômicos, morfológicos, cerebrais); permite a fecundação entre todos os seres humanos, europeus, inuits, pigmeus. Cada indivíduo vive e experimenta-se como sujeito singular; essa subjetividade singular, que diferencia cada um, é comum a todos. (Morin, 2011, p.59).

Podemos perceber que Morin acredita ser, justamente, a nossa diversidade que nos une; que é justamente o fato de sermos seres singulares que nos torna pertencentes à raça humana - a noção de homem é genérica por sermos singulares, e é justamente essa singularidade que nos une enquanto espécie. O sociólogo nos faz perceber que, no mesmo ponto onde há diferença, pode haver semelhança, basta mantermos um olhar holístico para a situação.

O paradoxo da unidade múltipla está em que o que une separa, a começar pela linguagem; somos gêmeos pela linguagem e separados pela língua. Somos semelhantes pela cultura e diferentes pelas culturas. Aquilo que permitiria a compreensão provoca a incompreensão entre culturas, quando se vê apenas a diferença e não o fundo antropológico

ISSN 1983-6783

comum. Da mesma forma, entre os indivíduos, somos incapazes de nos compreender enquanto só vemos a alteridade e não a identidade. (Morin, 2011, p.65)

Dessa forma, podemos dizer que possuímos competências, aptidões, hábitos que, em sua essência, colocam-nos num patamar de unidade, no entanto são eles também que nos tornam tão diversos. Para fortalecer sua teoria, Morin ainda nos diz que "todos os grandes sociólogos acreditam na possibilidade de uma sociologia fundamental válida para todos os tipos e formas de sociedade", mesmo que elas sejam tão diversas. (Morin, 2011, p. 62). Compreendemos, através dos estudos de Morin, que a nossa extrema diversidade não deve mascarar a nossa unidade, nem o contrário - "a diferença oculta a unidade, mas a unidade oculta as diferenças." (Morin, 2011, p.65). Portanto, a hipótese é que, para que possamos nos compreender enquanto raça humana, para que possamos conviver com respeito e harmonia, devemos primeiro rememorar e reforçar esse ideal de unidade presente na nossa raça e isso tem sido feito através da tradição Lassalista ao aproximar os indivíduos através de sua proposta educativa, conforme tivemos a oportunidade de ler ao longo deste projeto.

3. Metodologia

Pretendemos ao longo dessa pesquisa:

- Observar o mural - "trata-se de um exercício aprofundado de observação do documento que deve ser, caso necessário, completado pelas informações compiladas em catálogos, arquivos, inventários de museus ou de bancos de imagens e obras digitalizadas." (Létourneau, 2011, p.124). Nessa etapa, trataremos do aspecto físico global do mural e para que possamos compreendê-lo em sua totalidade precisaremos traçar uma definição de o que é imagem, compreender suas características fragmentadas para então compreender a multiplicidade de interpretações que ela nos permite dentro do universo do muralismo.

- Detectar os significados do mural - trata-se de perceber a significação global do mural, "para descobri-la, observam-se os elos que unam os elementos anteriormente catalogados, como por exemplo, as atitudes e as relações que regem os comportamentos das personagens, as relações de idade ou condição social, as expressões e o caráter de conjunto expressos pela cena (alegria, tristeza, etc.)." (Létourneau, 2011, p.128). Nessa etapa cabe analisar também, como artista e leigos percebem a obra e seu papel social - através de entrevistas e relatos do artista e do público em geral – pois, como diz Létourneau, "embora o próprio documento propicie grande número de dados indispensáveis à sua compreensão, muitas vezes é necessário, para enriquecer o trabalho de detecção dos significados, recorrer a fontes externas de informação." (Létourneau, 2011, p.129).

- Contextualizar mural e tradição Lassalista - trata-se de compreender como o mural faz sentido na sociedade. "Seu objetivo é verificar como os contextos político, econômico, social, cultural e ideológico se expressam em dado documento." (Létourneau, 2011, p.131). Létourneau ainda diz que, nesta etapa, é importante estabelecer as redes sociais nas quais os envolvidos com o documento estão inseridos. Além disso, para nosso projeto, é importante também estabelecer como o grupo pertencente à comunidade Lassalista percebe esta obra, para que possamos investigar se a proposta de união é apreendida e, por fim, para que possamos refletir se o mural é capaz de mobilizar um sentimento identitário de unicidade entre as pessoas dessa rede.

- Transpor conceitos de respeito à diversidade presentes no mural e presentes na tradição Lassalista para um novo mural a ser grafitado no campus da Universidade La Salle - nesta fase, iremos recorrer a rodas de conversa que façam emergir todas as ideias suscitadas ao longo do projeto. Assim, os artistas locais responsáveis pela grafitagem no campus estariam

ISSN 1983-6783

a par de todos os conceitos trabalhados, para que, através desses relatos, fossem capazes de grafitar um mural convergindo conceitos de diversidade e tradição Lassalista.

4. Considerações Finais

Ao traçarmos esse paralelo pretendido acreditamos ser possível desenvolver um novo mural que retrate a tradição Lassalista, e, portanto, que represente o respeito à diversidade pelo olhar da tradição Lassalista. Assim, diversidade, respeito, amor e solidariedade dialogariam pelo uso criativo dos recursos culturais utilizados, possibilitando que diversa pessoas tenham acesso ao mural e, por consequência, tenham acesso aos preceitos Lassalistas. Acreditamos que, dessa forma, poderíamos vir a reforçar essa tradição em uma porcentagem maior da comunidade, para que assim se fortaleça um grupo de relação que tenha os valores do amor e do carisma como motivadores de seus atos.

Referências

CANDEAU, Joël. **Memória e Identidade.** Trad. Maria Letícia Ferreira. São Paulo: Contexto, 2016.

CASAGRANDE, C. A., FANFA Sarmento, D. y BIELUCZYK, J. A. (2015). **A Proposta educativa lassalista e suas decorrências à práxis pedagógica nas escolas da Rede La Salle no Brasil.** IM-Pertinente, 3(2), 47-67.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Trad. Laurent Léon Schaffter. São Paulo: Editora Revista dis Tribunais LTDA., 1990

MORIN, Edgar. **O método 5: A humanidade da humanidade.** Trad. Juremir Machado da Silva. 5ª edição. Porto Alegre: Sulinas, 2012.

Província La Salle Brasil-Chile. (2014). Proposta educativa lassalista (PEL). São Paulo: Unilasalle.